

IDENTIDADE PROFISSIONAL DE ENFERMEIROS/AS: PERSPECTIVAS DE FORMAÇÃO DOCENTE

Maria José Souza Pinho, mjpinho@uneb.br

Agnete Troelsen Pereira Nascimento, agnetetroelsen@hotmail.com

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

RESUMO: O presente artigo introduz a discussão oriunda de pesquisa de Mestrado em Educação, em andamento. Busca compreender as perspectivas de formação do enfermeiro/a docente em relação a seu trabalho na educação profissional no sentido de perceber a identidade docente. Entendemos a construção deste conhecimento como espaço de reflexão, além de possibilitar mudanças na prática docente, permite a reflexividade sobre esta identidade profissional, construindo pistas e novas perspectivas de formação pedagógica, buscando um maior aprofundamento teórico, metodológico e interpretativo. Entendemos o quanto é importante redescobrir uma nova e mais poderosa identidade profissional para esses novos desafios do sistema educacional para o melhor exercício docente. Neste contexto, a prática reflexiva é apontada como referencial para o desenvolvimento da formação da identidade docente.

Palavras-chave: Formação Docente. Educação Profissional. Identidade Profissional.

THE PROFESSIONAL IDENTITY OF THE NURSE: PERSPECTIVES OF TEACHING EDUCATION

ABSTRACT: This article introduces the discussion coming from research of Master in Education, in progress. This article aims to present to understand the perspectives of training of teaching nurse in relation to their work in professional education in order to realize the professional identity. We understand the construction of this knowledge as a field for reflection, in addition to allowing changes in teaching practice, allows reflexivity about this professional identity, building clues and new perspectives of pedagogical training, seeking a deeper theoretical, methodological and interpretive depth. We understand how important it is to rediscover a new and more powerful professional identity for these new challenges of the educational system for the best teaching exercise. In this context, reflexive practice is pointed as a reference for the development of teacher identity formation.

Keywords: Teacher Training. Professional Education. Professional Identity. Nurse.

Introdução

A enfermagem compreende o assistir, cuidar e educar, sendo este último uma das funções necessárias e emergentes para o/a enfermeiro/a. Formar recursos humanos é uma atividade de grande responsabilidade para o/a enfermeiro/a, visto que irá capacitar profissionais que estão diretamente envolvidos no cuidado ao ser humano.

Em contrapartida, o enfermeiro tem um obstáculo decorrente de sua formação, pois traz para sua prática docente, uma formação técnica essencialmente ligada ao cuidado, que é o seu foco de atuação. Assim, tende a valorizar aspectos centrados nas características mais técnicas, sem, contudo, preocuparem-se com questões relativas aos aspectos didático-pedagógicos e relacionais.

Segundo Braga (2013), tratar sobre a formação desses profissionais implica discutir sobre como estes encaram o ensino, e refletir sobre o que significa ser professor dentro do contexto da saúde. As novas demandas para o ensino e aprendizagem na área de Enfermagem apontam para uma perspectiva interdisciplinar de diálogo com outras áreas de conhecimento. Nesse sentido, pensar a identidade do enfermeiro docente é fundamental.

Ser um profissional competente e comprometido é mais do que meio caminho andado para atuar na formação de outros profissionais. Mas não é tudo. A prática, quando refletida criticamente e complementada por uma intencional busca de trocas significativas de informações e experiências, é extraordinariamente formadora. Entendemos que precisamos, na formação de enfermeiros/as, desenvolver uma sólida formação teórica - prática, com bases filosóficas, científicas e políticas, para a adoção de uma prática docente crítica, significativa e emancipadora.

Os docentes de enfermagem têm o desafio de formar profissionais para atuar em diferentes âmbitos da área da saúde, porém, muitas vezes os/as enfermeiros/as assumem a

profissão de professores sem nenhuma oportunidade de prepararem-se para uma tarefa tão complexa.

Diante dessa realidade, dos paradigmas educacionais que direcionam a educação técnica de nível médio em enfermagem, encontramos algumas dificuldades enfrentadas pelo/a enfermeiro/a docente no que tange a sua formação e profissionalização. A partir daí, nossa proposta aqui neste artigo é discutir a identidade profissional constituída na formação do/a enfermeiro/a docente na sua atuação na educação profissional.

Nesta perspectiva, a identidade profissional docente é uma elaboração que perpassa a vida profissional em diferentes e sucessivas fases, desde a opção pela profissão, passando pela formação inicial e, de resto, por toda a trajetória profissional dos professores, construindo-se com base nas experiências, nas opções, nas práticas, nas continuidades e descontinuidades, tanto no que diz respeito às representações, quanto no que se refere ao trabalho concreto, as quais serão reveladas nas entrevistas, com ênfase nos percursos acadêmicos e de formação (ABRAHÃO, 2012).

O artigo leva em consideração o fato de que para atender às diretrizes, tanto da Educação Básica como do Sistema Único de Saúde (SUS), há a necessidade de empreendimento contínuo na política de desenvolvimento e na formação de recursos humanos, a fim de contribuir e garantir a sustentabilidade da saúde do país, devido à sua relevância no campo social.

Sendo assim, emerge nessa conjuntura, o/a enfermeiro/a, profissional de saúde com papel relevante nesse processo, tendo como intuito a melhoria da qualidade da assistência prestada nos diversos âmbitos envolvidos no cuidado. No entanto, a formação pedagógica do professor/a enfermeiro/a tem sido considerada enquanto uma prática secundária no qual poucos profissionais reconhecem a relação entre ensino, aprendizagem e

assistência.

Ajudar na formação de profissionais, com bom conhecimento teórico-prático e com reflexões críticas sobre o processo de trabalho em saúde, exige além dos conhecimentos técnicos. É necessário afinar o discurso à prática e desenvolver métodos para envolver o aluno e fazer com que ele compreenda a importância de sua responsabilidade técnica e social.

Ramos (2003) afirma que o perfil do docente não pode moldar-se à feição de transmissor de conteúdo, mas compor-se por características em que seu papel de professor combine com a postura de intelectual, problematizador e mediador do processo de ensino-aprendizagem. Deve promover o exercício de mentor intelectual, guia sobre o compromisso social que o senso de cidadania plena contém, além de orientar sobre o compromisso dentro da sua área de conhecimento.

Novas alternativas vêm sendo vislumbradas numa perspectiva que toma a prática como referência, a lógica da racionalidade prática alternativa para o enfrentamento do real e das complexidades neles existentes, possibilitando uma prática pedagógica coerente, pela superação da relação de mão única entre o conhecimento pedagógico e a prática pedagógica através da pesquisa e reflexão sobre esta, possibilitando ao professor se apropriar de conhecimentos.

A educação profissional em enfermagem

No Brasil, entre as diversas categorias existentes na enfermagem, a formação do/a enfermeiro/a é pioneira, tendo sido criada, em 1923, a primeira Escola de Enfermagem, no Rio de Janeiro, financiada pela Fundação Rockefeller e sob a orientação de enfermeiras americanas. O interesse centrava-se na formação de pessoal para atuar no combate das endemias e epidemias prevalentes na época. Em 1926, essa escola recebeu o nome de Ana Néri (SANTOS, 2005). Vale salientar, que o ensino de enfermeiras no

Brasil, de 1949 a 1961, era de nível médio (ALMEIDA, 1986).

A partir da década de 1950, a saúde pública foi perdendo sua importância e a necessidade, então, era a formação de profissionais de enfermagem que atuassem principalmente em hospitais, pois as ações passaram a ser individualizadas e com enfoque curativo (NAKAMAE, 1987).

Nesse período, após a proliferação dos cursos, desponta o nível técnico de enfermagem, constituindo uma proposta governamental de supervisionar instituições com pacientes graves que não eram atendidos satisfatoriamente, nem por auxiliares, cujo preparo era inadequado, nem por enfermeiros, devido ao seu quantitativo reduzido. Para tanto, desencadeou-se a regulamentação do curso técnico de enfermagem em 1965, através de uma solicitação da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) ao Conselho Federal de Educação (CFE), (NAKAMAE, 1987).

Oguisso (1997) relata que os primeiros cursos técnicos foram criados em 1966, nas escolas de enfermagem Ana Néri e Luiza de Marillac, no Rio de Janeiro. Por sua vez, a Lei nº 5.692, de 1971 fixou as Diretrizes e Bases para o ensino de primeiro e segundo grau, além da proposta de obrigatoriedade de profissionalização. Nesse sentido, o Curso Técnico de Enfermagem passou a integrar o sistema educacional brasileiro como nível de segundo grau.

Entretanto, esse profissional somente foi reconhecido como tal em 1986, com a Lei nº 7.498, regulamentada pelo Decreto nº 94.406, de 1987, que dispõe sobre o exercício profissional da enfermagem (SANTOS, 2005).

Santos (2000) afirma que são inúmeros os desafios na formação de profissionais no nível médio de enfermagem, dentre eles destaca-se: manter os professores atualizados; falta de conhecimento dos enfermeiros no processo de ensinar; carência de material didático, audiovisual e laboratório; campo de estágio inadequado; ausência de tempo para

passar o conteúdo proposto, para se dedicar mais à docência e acúmulo de atividade profissional. formação da identidade docente.

Rosemberg (1989) declara que, em sua maioria, os estudantes que buscam o ensino profissionalizante no país, de modo geral, trabalham e estudam. Este dado indica que se trata de trabalhadores-estudantes, ou seja, pessoas que enfrentam dificuldades inerentes a sua condição de vida, cumprindo cotidianamente dupla ou tripla jornada de trabalho.

Este fato agrava-se ainda mais no caso específico da enfermagem, pelo grande contingente de mulheres inseridas na profissão e pelos afazeres domésticos que ficam sob sua responsabilidade. Acresce-se a isso, a constatação de que muitos alunos estão buscando uma profissão com uma idade mais avançada o que, sem dúvida, também é uma dificuldade, pois há a necessidade de conciliar família, trabalho e o retorno aos estudos. Todo esse quadro é considerado pelo professor, que se envolve com a problemática enfrentada pelo aluno (SANTOS, 2000; PORFÍRIO, 1992).

Diante destas problemáticas e, em se tratando da docência na educação profissional, torna-se necessário refletir também, que sendo o trabalho concebido como princípio orientador da ação educativa, a atividade docente relaciona-se à natureza do aprender a trabalhar. Afinal, o princípio pedagógico é o trabalho, no qual os professores veem o saber no trabalho. Portanto, “é preciso pensar em uma formação profissional voltada para o saber no e do trabalho” (BARATO, 2010).

Para tanto, os professores enfermeiros deverão assumir uma atitude avaliativa, crítica e reflexiva da prática, orientados pela responsabilidade social, ambos guiados por uma atitude problematizadora da realidade e do conhecimento, sendo o docente, o mediador do processo de aprendizagem do aluno e como tal, deve orientar a construção do conhecimento, traçar os caminhos metodológicos, corrigir

É em relação a esse processo de ensinar que nosso artigo quer entrelaçar com a rumos para garantir a qualidade da aprendizagem do aluno.

O docente de educação profissional em enfermagem

A escola é antes de tudo um espaço-tempo de encontro, de gerações, de pessoas em tempos diversos de socialização, interação, formação e aprendizagem. A escola tem de estar atenta a construção social do conhecimento e a construção cultural dos sujeitos. É nesse sentido que se constrói a docência.

A docência na educação profissional compreende um saber específico, ou seja, o conteúdo capaz de instrumentalizar para o exercício de uma profissão. Assim, a formação do docente deve garantir a articulação de saberes técnicos específicos das áreas distintas, saberes didáticos e também do pesquisador (MANFREDI, 2002).

Segundo o referido autor, a estes saberes específicos devem ser incorporados saberes relacionados ao funcionamento da sociedade e das relações entre trabalho, cultura, ciência e Estado, às políticas públicas, especialmente de educação profissional e ao desenvolvimento local e às inovações.

Não se podem desprezar as experiências acumuladas em diferentes ações e processos de formação de professores para atuar em educação profissional. Destacamos, em particular, as recentes ações de formação de professores vinculadas ao PROEJA e ao PROJovem, que têm definido princípios, conteúdos e estratégias de formação de professores para a atuação em educação profissional. É necessário fortalecer os espaços de troca de experiências entre os profissionais desta modalidade de ensino, de modo a socializarem experiências cognitivas, metodológicas e afetivas (POUPART ET AL, 2010).

Moura (2006) ressalva que é fundamental, nesse conjunto de proposições a

formação inicial e continuada de profissionais para a docência na educação profissional, seja assumida pelas instituições como ação intrínseca aos seus processos formativos, seja estratégia integrante das políticas de educação profissional (tal como propõem o PROEJA e o PROJOVEM). Para tanto, é necessário que se “envolvam os sistemas públicos estaduais de educação, inclusive, por força constitucional”.

Por sua vez, muitos professores não se reconhecem enquanto docentes, mas como técnicos (engenheiros, biólogos, químicos, enfermeiros). Isso evidencia uma resistência muito forte aos apelos por uma ação fundada nas contribuições da pedagogia. Parece estar impregnada entre os professores a concepção de que a formação profissional deve servir aos interesses do mercado (FARIAS; CASAGRANDE, 2004).

No entanto, é relevante salientar, que o/a enfermeiro/a envolvido com a docência deve planejar sua ação para alcançar os objetivos propostos pela educação profissional, desenvolvendo um currículo integrado, flexível e interdisciplinar, preparando assim o aluno para se inserir no mercado de trabalho (FROZONI, 2013).

É pressuposto básico, que o docente da educação profissional seja, essencialmente, um sujeito da reflexão e da pesquisa, aberto ao trabalho coletivo e à ação crítica e cooperativa, comprometido com sua atualização contínua na área de formação específica e pedagógica, que tenha plena compreensão do mundo do trabalho, conhecimento da sua profissão, de suas técnicas, valores do trabalho, bem como dos limites e possibilidades do trabalho docente que realiza e necessita realizar (MACHADO, 2008).

A identidade profissional do enfermeiro docente

A visão que temos ultimamente é que há um cenário complexo em que se percebe um déficit de competências profissionais frente aos

novos desafios do século XXI. Tudo isso incentiva uma crise de identidade, efeito de questionamentos sobre as rotinas profissionais tradicionais e geralmente aceitas.

Nessas últimas décadas, temos vivido mudanças de caráter social, econômico e político. A economia foi o primeiro setor a ser afetado com a desregulamentação dos mercados financeiros, graças ao advento da informática que extinguiu a ideia de limites fronteiriços entre os mercados. Gradativamente as atividades industriais e comerciais foram também afetadas por essa abertura de fronteiras. Hoje já sentimos a globalização na vida das pessoas e de grupos sociais. Aumento da concentração de capital, mundialização da economia, primazia da gestão do trabalho tendo em vista a competitividade e como consequência desse modelo vem sendo apregoado a expansão do tempo de permanência na educação básica como um dos requisitos para a qualificação de profissionais adaptados às novas exigências de flexibilidade e adaptação da economia. O setor educacional não fica fora dessa lógica. Aumentam e modificam-se as cobranças ao sistema educacional, no sentido de desenvolvimento de novas habilidades e competências. Essas demandas requerem a (re)construção do processo pedagógico e a (re) adequação das escolas e seus profissionais. Nesse contexto que se apresenta, a escola delega a responsabilidade de preparar novas gerações para dar conta da nova realidade que se apresenta. Já não faz mais sentido uma metodologia centrada no ensino memorístico e verbalístico, com mera repetição de procedimentos. Como Nóvoa (1998, p. 26) afirma:

Os professores têm de afirmar sua profissionalidade num universo complexo de poderes e relações sociais, não abdicando de uma definição ética – e, num certo sentido, militante – da sua profissão, mas não alimentando utopias excessivas, que se viram contra eles, obrigando-os a carregar aos ombros o peso de grande parte das injustiças sociais.

No campo da educação profissional, é fundante definir espaços e organização, mas apontar a necessidade de formar pedagogicamente os bacharéis docentes dos cursos técnicos. Essa formação vem sendo o mote de discussão em várias áreas, tendo em vista a formação de professores profissionais. Os paradigmas de organização dos processos produtivos afetam diretamente a formação nas escolas técnicas com a necessidade de adequações e aprimoramento a todo instante. Segundo Simionato (2008, p. 108) “há uma vasta produção científica sobre a formação, profissionalização e identidade dos professores, porém quando se trata de formação de professor de escolas profissionalizantes, o campo de produção científica mostra-se relativamente frágil”. Uma das questões assumidas nesse artigo é como a formação pedagógica pode melhorar a qualificação dos cursos, no sentido de permitir a esse profissional compreender a identidade profissional.

A identidade profissional pode ser vista como a relação entre indivíduo e mundo social. É um acontecimento relacional. Um mundo em constante mudança seja na forma cultural, econômico, político e tecnológico, imprime transformações nela. Nesse sentido, as identidades surgem como um processo inovador, onde sua origem deriva de um passado histórico, no qual o professor é aquele que expressa a sua verdade em público construindo seus conhecimentos como forma fragmentada de seus saberes (FURLANETTO e ARRUDA, 2012). É a forma como os professores definem a si mesmos e seus pares.

Gatti (1996) declara que a identidade traduz o modo do indivíduo estar no mundo, afetando suas perspectivas quanto à sua formação e de atuação profissional. Junto à identidade, estão as motivações, os interesses, as expectativas, as atitudes que definem o modo de ser do mesmo. Por esse motivo, a identidade deve então ser levada em conta para se entender os processos de formação e de

profissionalização do docente.

Ao relacionar a identidade docente a identidade profissional na formação de professores, é importante pontuar que a identidade profissional dos professores é vista como algo que se constitui de acordo com o currículo proposto, isso porque, defende-se que existe uma relação estreita entre o currículo e a produção da identidade profissional docente. No que se refere ao currículo, Silva (2005, p.150) afirma que “currículo é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade”.

Silva (2005) esclarece que o currículo é uma questão de saber, identidade e poder, por isso, é inegável nessa concepção, o papel formativo que o currículo possui. Para o autor, o currículo é a construção de nós mesmos como sujeitos, e está enredado em um processo de constituição e de posicionamento, de constituição do indivíduo como sujeito de um determinado tipo e de seus múltiplos posicionamentos no cerne das divisões sociais e por isso, o currículo, em conjunto com diferentes discursos, nos faz ser o que somos.

Nessa perspectiva, a identidade é construída de forma singular, estando intimamente associada com a história de vida pessoal, aliado à bagagem cultural de cada enfermeiro/a professor/a, a partir do crescimento compreendido e ancorado nas diferenças individuais (EBISUI,2004).

Para Dubar (2005) compreender a profissão está diretamente ligado ao processo de constituição da identidade profissional, sendo que para os docentes participantes, a compreensão que tem sobre a motivação para o ingresso na profissão ainda se dá num campo mais externo que interno.

Corroborando, Pimenta (1999) afirma que a identidade é um processo de construção do sujeito historicamente situado. No caso da profissão docente, ela surge para dar resposta à

sociedade, passando assim a ser uma profissão socialmente aceita. Porém, na atualidade, percebeu-se que o aumento do número de instituições escolares não corresponde ao resultado formativo. Sendo assim, faz-se necessário repensar a identidade docente.

Vasconcelos (2005) adverte que o ensino e a pesquisa são práticas articuladas, que podem levar a uma divisão entre o pesquisador e o professor, podendo comprometer a identidade profissional, fazendo com que esqueçam que são formadores de futuros profissionais, por interesses particulares e gosto em encarar o desafio no ensino – aprendizagem. Muitas vezes o/a enfermeiro/a abraça a docência pela necessidade de aumentar seu ganho visando à subsistência.

Em sua pesquisa, Fernandes e Souza (2007) relatam que a docência pode ser vivida como algo natural, nato, herdado ou ainda como escolha divina. O que por consequência provoca angústias de identificação profissional até mesmo para lidar com provocações muito utilizadas no cotidiano, que não privilegiam a docência enquanto profissão, aumentando assim as incertezas e angústias do trabalhador.

Conforme Silva (2005), a identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsciente e inacabada. Para que isto aconteça o/a enfermeiro/a docente deve sempre buscar atualizações, devido à constante transformação que se apresenta a identidade profissional.

Dessa forma, por estar o professor em contato direto com os indivíduos, num processo contínuo, acaba construindo e reconstruindo a sua própria identidade, esse processo tem início no decorrer de sua formação (FURLANETTO; ARRUDA, 2012). A construção da identidade profissional articula-se à formação inicial e continuada, e quando o sujeito passa a se identificar com a profissão, este passa a desenvolver uma feição relacionada a esta, ou seja, passa a desenvolver a profissionalidade (FERREIRA ET AL, 2014).

Nesse ínterim, a formação docente também é uma forma de expandir a identidade profissional, formada a partir de uma dimensão individual e coletiva. “Assim, não se pode separar o professor da pessoa que ele representa, pois, mesmo exercendo papéis sociais diferentes, estes papéis são representados por um mesmo indivíduo” (FERREIRA ET AL, 2014, p. 79).

O processo de formação pode assim considerar-se a dinâmica em que se vai construindo a identidade de uma pessoa. Processo em que cada pessoa, permanecendo ela própria e, reconhecendo-se a mesma ao longo da sua história, se forma, se transforma, em interação (NÓVOA, 2008). Ainda nessa linha de pensamento, Josso (2004) destaca que “A formação descreve os processos que afetam as nossas identidades e a nossa subjetividade. Ela indica, assim, um dos caminhos para que o sujeito oriente, com lucidez, as próprias aprendizagens e o seu processo de formação” (JOSSO, 2004, p. 41).

Nóvoa (1992, p.25) afirma que “a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal”.

Corroborando com o pensamento de Nóvoa, acerca da reflexividade crítica sobre as práticas, Ferreira (2014) afirma que a formação pela reflexão nos permite pensar na possibilidade também de promover a inovação e romper com o tecnicismo. Ou seja, a reflexão deve ser uma possibilidade para a formação dos professores, a construção das identidades docentes e das políticas de formação.

Especificamente, na constituição da identidade docente de professores da Educação Profissional Técnica, Menezes e Rios (2015), consideram como fundamental, “a produção de espaços formativos permanentes onde as práticas sejam tomadas como conteúdo da realidade docente e movimentem os saberes dos professores em uma dimensão de reflexividade”

(p.53).

Neste cenário, entendemos o quanto é importante para redescobrir uma nova, melhor concebida e mais poderosa identidade profissional para esses novos cenários e desafios do sistema educacional para o melhor exercício docente.

Considerações finais

A temática referente à educação profissional tem sido amplamente discutida por diversos setores da sociedade atualmente, principalmente com relação à qualificação profissional, devido ao aumento da demanda e necessidade da sociedade. Por sua vez, a carência de pessoal docente qualificado tem se constituído num dos pontos nevrálgicos mais importantes que estrangulam a expansão da educação profissional no país.

Nas discussões sempre pautadas por histórias e condutas no cotidiano escolar, os professores/as enfermeiros/as relatam a lacuna em sua formação, sentem-se inseguros ou despreparados para exercerem a docência. São formados bacharéis em uma área técnica e migram para a docência apenas com suas experiências do trabalho em saúde, e com o que aprendem com seus professores durante a graduação e pós-graduação. Lacuna esta também denunciada pelos discentes do curso de bacharelado, visto não terem as disciplinas pedagógicas, muito menos aprenderem a didática do ensino.

Possibilitar uma aprendizagem significativa aos discentes exige a ressignificação do processo de aprender do próprio professor, provocando a necessidade de um projeto formativo que oportunize uma trajetória de apropriação de conhecimento e de reflexão sobre sua prática. Paralelo a este processo, necessário considerar que a formação de professores necessita ser construída dentro da profissão. A articulação da teoria com a prática, da universidade à escola, precisa permear a formação docente, a fim de construir a sua identidade profissional.

Urge conhecer as possibilidades, necessidades dos professores em relação a seu trabalho para um diálogo construtivo que lhe possibilite compreender a profissionalização como tomada de consciência para serem eles, os construtores da sua identidade profissional. Afinal, a profissionalização precisa centrar-se no que pode constituí-la na sua singularidade, e não apenas, na comparação com outras profissões.

Em suma, é preciso refletir sobre o nosso trabalho, visto que a mudança de que precisamos na educação depende da identidade que construímos na docência. Uma nova imagem do professor deve ser construída, considerando seu relevante papel na educação.

Referências

- ABRAHÃO, M.H.M.B. *Pesquisa (auto)biográfica em rede*. Salvador: EDUNEB, 2012.
- ALMEIDA, M.C.P.; ROCHA, J.S.Y. *O Saber de enfermagem e sua dimensão prática*. São Paulo: CORTEZ; 1986.
- BARATO, J. N. O saber do trabalho e a formação do docente. In: REGATTIERI, M.; CASTRO, J.M. *Ensino Médio e Educação Profissional: desafios da integração*. Brasília: Unesco. 2.ed. 2010.
- BRAGA, M. J. G. *Ser professor: um estudo sobre a constituição identitária profissional do enfermeiro docente*. *Portal Metodista de Periódicos Científicos e Acadêmicos*, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 98-117, jul.-dez. 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/cadernosdeeducacao/article/view/4962/4167> Acesso em 8 dez. 2016.
- DUBAR, C. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- EBISUI, C.T.N. *A identidade profissional do enfermeiro professor do ensino técnico de enfermagem*, 2004, 190 f. Dissertação [Mestrado em Enfermagem]. Ribeirão Preto,

Universidade de São Paulo, 2004.

FARIA, O. I. L.; CASAGRANDE, L. D. R. A educação para o século XXI e a formação do professor reflexivo na enfermagem. *Rev. Latino. Am. Enfermagem*. v.12, n.5, p.104-169.2004.

FERREIRA, L.C. Formação e identidade docente: práticas e políticas. In: FERREIRA, L.G.; FERRAZ, R. de C.S.N. (Orgs.). *Formação Docente: Identidade, Diversidade, Saberes*. Curitiba: CRV, 2014.

FERREIRA, L.G. Fazer docente: reflexões sobre formação trabalho e especificidades das áreas de atuação docente. In: FERREIRA, L.G.; FERRAZ, R. de C.S.N. (Orgs.). *Formação Docente: identidade, diversidade, saberes*. Curitiba: CRV, 2014.

FERNANDES, C. N. da S.; SOUZA, M.C.B. de M. *Processo de Constituição da Identidade Profissional Docente de Professores do Ensino Superior de Enfermagem*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

FROZONI, R.C. *Identidade Profissional e perfil dos professores dos cursos de educação profissional técnica de nível médio em enfermagem de um município do interior do Estado de São Paulo*, 2013, 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) -. São Paulo: Universidade de São Paulo: 2013.

FURLANETTO, D.; ARRUDA, M.P. de. Uma questão profissional: a identidade do professor enfermeiro. In: *SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL*, IX, 2012. Santa Catarina, ANPED Sul, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/9anpedsul/paper/viewFile/2745/515> Acesso em: 7 abr. 2013.

GATTI, B.A. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 98, p. 85-90, ago., 1996. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/ep/arquivo/249.pdf>. Acesso em: 01 out. 2016.

JOSSO, M.C. *Experiências de vida e formação*. Tradução José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

MACHADO, L. R. de S. Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação profissional. *Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica*. Brasília, DF, v.1, n.1, p.8-22, jun., 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/rev_brasileira.pdf Acesso em: 12 ago. 2012.

MANFREDI, S. História da educação profissional no Brasil. In: _____. *Educação Profissional no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 28-46.

MENEZES, G.N.D.; RIOS, J.A.V.P. Política de formação docente na educação profissional técnica. In: RIOS, J.A.V.P. (Org.). *Políticas, práticas e formação na educação básica*. Salvador: EDUFBA, p. 35-55, 2015.

MOURA, A. et al. SENADE: expressão política da Educação em Enfermagem. *Rev. Bras.Enferm.*v. 59, p. 442-53, 2006.

NAKAMAE, D.D. *Novos caminhos da enfermagem: por mudanças no ensino e na prática da profissão*. São Paulo: Cortez. 1987.

NÓVOA, A. (Org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

_____. Relação escola-sociedade: novas respostas para um velho problema. In: SERBINO, R. et al (Orgs). *Formação de professores*. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. *Profissão Professor*. 2.ed. Portugal: Porto Editora, 2008.

OGUISSO, T. Considerações sobre a legislação do ensino e do exercício do técnico de enfermagem e do auxiliar de enfermagem. *Rev. Bras. Enferm.* v.30, p.168-74.1997.

PIMENTA, S.G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: _____. (Org.). *Saberes Pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999.

PORFÍRIO, R. M.; MANZOLLI, J.; GROSS, H. B.; SANTOS, J.R.A dos. Perfil sócio-econômico-cultural do estudante de auxiliar de enfermagem de São Paulo. *Rev. Bras. Enferm.* v. 45, p. 290-97, 1992. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671992000300007. Acesso em: 14 set. 2016.

POUPART, J.; DESLAURIERS, J.-P.; GROULX, L.-H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Tradução de NASSER, A.C. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

RAMOS, M. *Educação Básica e Educação Profissional: projetos em disputa*. Texto base para exposição na sessão especial na reunião anual da ANPED realizada em Poços de Caldas, no período de 07 a 11/10/2003.

ROSEMBERG, F. Segundo grau no Brasil: cobertura, clientela e recursos. *Cadernos de Pesquisa*. v.68, p.39-54.1989.

SANTOS, L. H. P. dos; CASSIANI, S. H. de B. Vivendo em constante conflito: o significado da prática docente no ensino médio de enfermagem. *Rev. latino-am.enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 8, n. 5, p. 58-64, outubro 2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/1499/1538> Acesso em: 20 set. 2012.

_____. *Estratégias e avaliação no processo ensino-aprendizagem e a postura do professor na educação profissional em enfermagem*, 2005, 148 f. Tese (Doutorado em Enfermagem). Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2005.

SILVA, T.T. da *Documentos de identidade: uma introdução as teorias do discurso*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SIMIONATO, M. F. A formação do professor do ensino técnico no contexto da reestruturação produtiva. In :KRONBAUER, S.C.G. et al (Orgs). *Formação de Professores: abordagens contemporâneas*. São Paulo: Paulinas, 2008.

VASCONCELOS, M.L. Docência e autoridade no ensino superior: uma introdução ao debate.

In: VASCONCELOS, Maria Luíza. *Ensinar e aprender no ensino superior*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005.